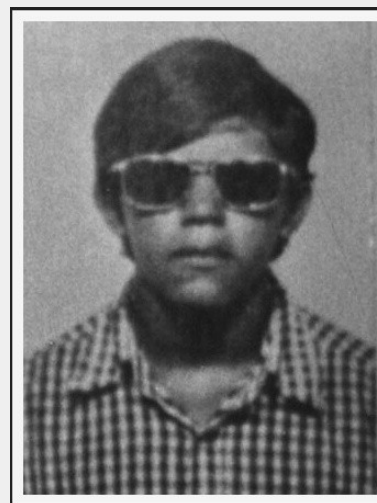


EDSON LUÍS VIVE NA LUTA DOS ESTUDANTES BRASILEIROS

Memória, democracia e organização popular



O assassinato de um jovem que lutava pelo direito à alimentação estudantil tornou-se um dos maiores símbolos da resistência à ditadura. Preservar sua memória é fortalecer a luta presente.

Por Uelinton Jorge

Estudante da UFBA e secretário nacional de Movimento Estudantil da Juventude do Partido dos Trabalhadores e das Trabalhadoras (PT).

Foto: registro estudantil de Edson Luís, 1968. Domínio público / Acervo Arquivo Nacional.

Edson Luís vive na luta dos estudantes brasileiros

Em 28 de março de 1968, o estudante secundarista Edson Luís de Lima Souto foi assassinado pela repressão policial no Restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro. Tinha apenas 18 anos e participava de uma manifestação por melhores condições de alimentação estudantil. Seu assassinato, cometido durante a ditadura militar, transformou-se em um dos episódios mais marcantes da história do movimento estudantil brasileiro.

Edson Luís foi morto porque ousou lutar por um direito básico: comida digna para os estudantes. Sua morte revelou a face cruel de um regime que respondia com violência às reivindicações populares e tentava silenciar qualquer voz que denunciasse as injustiças do país. Mas aquilo que deveria provocar medo produziu indignação. Seu corpo foi carregado pelas ruas, seu nome ecoou nas manifestações e sua história tornou-se símbolo da resistência contra a repressão.

Em um Brasil onde as memórias das lutas populares são frequentemente apagadas, lembrar Edson Luís é também um ato de enfrentamento. Não podemos aceitar que a história seja contada apenas pela voz dos poderosos, escondendo os nomes daqueles que deram suas vidas pela democracia, pela educação e pela justiça social. Preservar sua memória é reconhecer que muitos dos direitos conquistados pelo povo brasileiro nasceram da coragem de jovens, trabalhadores e movimentos sociais que decidiram não se calar.

O legado de Edson Luís permanece vivo em cada estudante que ocupa uma escola, organiza um grêmio, participa de uma entidade, defende a universidade pública ou toma as ruas contra os cortes na educação. Ele esteve presente nos grandes tsunamis da educação, que mobilizaram milhões de estudantes e trabalhadores em mais de 200 cidades brasileiras, em 2019. Também esteve nas campanhas por vida, pão, vacina e educação, durante a pandemia, quando a juventude denunciou o abandono do povo e defendeu políticas públicas capazes de salvar vidas.

“Edson Luís vive em cada jovem que se recusa a aceitar a injustiça como destino.”

A democracia não existe apenas porque está escrita na Constituição. Ela precisa ser defendida e construída diariamente pela participação popular, pelo direito ao contraditório, pela liberdade de organização e pela possibilidade de lutar por outro modelo de sociedade. Uma democracia verdadeira não pode servir somente ao poder econômico. Ela precisa garantir educação, alimentação, trabalho, cultura, dignidade e futuro para toda a população.

Por isso, a organização dos estudantes e da juventude trabalhadora continua sendo fundamental. É nos grêmios, diretórios acadêmicos, centros estudantis, movimentos sociais, partidos, sindicatos e organizações populares que a juventude aprende a transformar indignação em ação coletiva. Quando os estudantes se organizam, ocupam as ruas e levantam suas vozes, fortalecem a democracia e impedem que a violência, o autoritarismo e o esquecimento avancem.

Defender a memória de Edson Luís é assumir um compromisso com todos aqueles que lutaram e ainda lutam por um Brasil livre, democrático e socialmente justo. Seu nome não pertence apenas ao passado. Edson Luís vive em cada jovem que se recusa a aceitar a injustiça como destino.

Que sua memória continue nos convocando à organização, à resistência e à luta. Porque nenhuma transformação veio de presente. Porque nenhum direito foi conquistado sem mobilização. Porque Edson Luís nos ensinou, com sua própria vida, que a luta nunca é em vão - e que só a luta muda o mundo.